

RESUMO

Prof. Dr. Emerson Dionisio Gomes de Oliveira
Universidade de Brasília – UnB

A Arte de Julgar: apontamentos sobre os júris de salões brasileiros nos anos de 1960

O presente trabalho procura esboçar o comportamento dos mais importantes salões públicos de artes visuais brasileiros em diferentes comunidades nos anos 1960. A questão principal de nossa proposta é analisar os salões a partir da circulação e recorrência dos membros dos júris, ocupados em definir seleções, premiações e menções a diferentes códigos de arte. Para tanto, elegemos apenas salões com pretensões nacionais, com participações de artistas distantes das comunidades mantenedoras dos eventos. Critério evidentemente polêmico porque exclui inúmeros salões, cruciais para a arte local. Belo Horizonte, Brasília, Campinas, Curitiba, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo são as cidades investigadas, numa abordagem preliminar que pretende mapear e instituir um perfil para os homens e mulheres convidados a escolher a arte que deveria ser exposta e assimilada pelo Estado e pelas empresas patrocinadoras. Tais salões foram palco de disputas ligadas às questões identitárias – artistas locais e os de fora – sendo, também, arenas decisivas para diferentes vocabulários estéticos, em contextos históricos distintos. Contextos estes marcados, no campo sociopolítico, pelo período militar pós-64, e, no campo artístico, pelas discussões sobre as novas figurações, as heranças modernistas, a ampliação dos suportes e dos gêneros e a gerência da arte por mercados e crítica incipientes e museus recém-criados. É evidente que mesmo que o perfil dos corpos jurados possa assemelhar-se em distas realidades artísticas, as demandas, as tensões e as regras de cada salão redefiniram as práticas de qual arte deveria ser escolhida e celebrada, num árduo e polêmico processo de qualificação dos criadores. A história dos salões de arte confunde-se com a própria história de sua negação, dissidências e críticas. Os anos de 1960 não foram exceção, o salão então conservador, chegando mesmo a reservar para si a propriedade das revoltas e das inovações, iniciava uma longa adaptação às novas poéticas que afetaram em momentos diferentes os eventos estudados. Trata-se de uma situação contraditória e paradoxal que ainda vigora.